

# Pressupostos enunciativos da linguagem

Cristina Novikoff<sup>i</sup>  
Sergio Batista da Silva<sup>ii</sup>

**Resumo:** Considerando, concomitantemente, três ideias: 1ª) “levando em consideração que dominar uma língua particular implica algo mais do que dominar um determinado código, implica a apropriação e construção de formas peculiares de entender e conceber o mundo”, (BERENBLUM, 2003, p.179); 2ª) “o foco de interesse do pesquisador qualitativo é diversificado e busca a obtenção de dados descritos mediante o contato direto e interativo com a situação objeto” (CRESWEL, 2006, p. 79) e; 3ª) que toda compreensão de um texto falado ou escrito implica numa responsividade e consequentemente em um juízo de valor (BAKHTIN, 1992); delinea-se o pressuposto de que as metáforas traçadas na linguagem acadêmica expressam os juízos de valor que norteiam comportamentos e relações educacionais, carecendo de uma análise epistemológica de modo interdisciplinar.

**Palavras-chave:** Metáfora. Interdisciplinaridade. Linguagem.

## *Enunciation assumptions of language*

**Abstract:** Whereas, concurrently, three thoughts: 1th) "taking into consideration that dominate a particular language involves more than just mastering a particular code, involves the appropriation and construction of particular ways of understanding and conceiving the world" (BERENBLUM, 2003, p .179), 2nd) "The focus of interest to the diverse and qualitative researcher is seeking to obtain the data described by direct contact and interact with the object situation (CRESWEL, 2006, p. 79) and 3rd) that any understanding of a spoken or written text and therefore implies a responsiveness in a value-judgment (BAKHTIN, 1992), delineates the assumption that metaphors drawn from academic courses in the language of law express the value judgments that guide behavior and educational relations, lacking an epistemological analysis in an interdisciplinary way.

**Keywords:** Metaphor. Interdisciplinary. Language.

Submetido em: 24 fev. 2023  
Aprovado em: 04 abr. 2023



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Compartilha Igual 4.0 Internacional  
DLCV – Língua, Linguística & Literatura

ISSN 1679-6101  
EISSN 2237-0900

<sup>i</sup> Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias. E-mail: cristina.novikoff@gmail.com.

<sup>ii</sup> Instituto Politécnico Millenium. E-mail: profsergiobatista@ig.com.br.

## INTRODUÇÃO

*Nessa perspectiva, ao contrário da visão idealista de linguagem que a compreende como manifestação individual, a língua é compreendida como fenômeno social, ou seja, origina-se nas relações sociais, cuja existência se funda nas necessidades de comunicação que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais. (BAKHTIN, 1992).*

Ao longo da história, os cientistas ligados aos estudos linguísticos tentam e são instigados a entender a complexidade que é o fenômeno da linguagem, buscando pelo viés epistemológico, estudarem as teorias desenvolvidas que se esforçam para explicá-lo ou compreendê-lo e com isso têm elaborado diversas leituras e re-leituras deste objeto, agora com acento na interdisciplinaridade.

Pela linha filosófica, pode-se afirmar que o homem, dentro de suas experiências e vivências, ao descobrir a linguagem, dominá-la e apropriar-se dela, iniciou um processo de percepção individual que possibilitou a explicação dos fenômenos linguísticos por ele observados e experimentados. Estas percepções quando compartilhadas passam a ser coletivas e, conseqüentemente, são chamadas de ciência, passando a ser a base científica deste mesmo fenômeno.

Ao divulgar percepções e difundir as ideias – teóricos, pesquisadores e cientistas do fenômeno linguístico - é natural que, pelos mais variados fatores externos e históricos, haja discrepâncias entre o que pensam, entre as construções e formulações na tentativa de alcançarem um denominador comum que possa ser o mais próximo da aceitação do meio em que estão inseridos.

Neste artigo, a noção de interdisciplinaridade é apresentada para marcar lugar do vivente da linguagem é um ser complexo e interativo, e a concepção de linguagem adotada é a desenvolvida por Bakhtin (1992) à luz dos dois posicionamentos definidores de linguagem predominantes em sua época: o subjetivismo individualista e o objetivismo abstrato, gerando novas leituras acerca dos fenômenos da linguagem.

## INTERDISCIPLINARIDADE: SÍNTESES

Em linhas sintéticas fazemos algumas considerações acerca do entendimento sobre interdisciplinaridade para ampliar a corrente do pensamento para além da disciplinarização teórica.

Partimos da proposição formativa do Programa de Mestrado e Doutorado Interdisciplinar em Letras<sup>1</sup> e Ciências Humanas da Universidade do Grande Rio<sup>2</sup>

Mestrado Interdisciplinar em Letras<sup>3</sup> e Ciências Humanas destina-se à formação de pessoal qualificado para o exercício das atividades de pesquisa e magistério superior, cuja área de atuação privilegie as questões emergentes vinculadas ao discurso, à cultura e à formação humana, contribuindo para o desenvolvimento científico e para o aperfeiçoamento educacional e cultural da região em que está inserido. Dada a sua visão da totalidade do fenômeno educativo na sociedade, explorando as conexões entre a linguagem e as diferentes ciências sociais e humanas, possui um caráter de flexibilidade que permite aos pós-graduados obterem uma fundamentação comum e, simultaneamente, explorar em profundidade um dos eixos temáticos especificados no programa.

E ao contrário do ditado, da fórmula amplamente difundida segundo a qual *nossa liberdade começa quando termina a do outro*, para *ser e fazer* a interdisciplinaridade mister compreender que a *nossa liberdade só começa quando começa a liberdade do outro*, ou seja, estar junto, aceitar, interagir, trocar.

Isso nos leva a refletir sobre o que e como estamos fazendo estas trocas, se há nas ações afirmativas que ocorrem no meio escolar a consciência da importância da interdisciplinaridade como forma de crescimento coletivo, sem barreiras, sem limitações, sem individualismos, sem medos, mantendo sempre o olhar no e para o aluno.

Nesse artigo nos apropriamos dos conceitos da literatura ao estudarmos os conceitos da Linguística com os professores Walter de Castro e Solange Vereza, da sociologia com Zigmunt Baumann, com *Vida Líquida* e da antropologia, da filosofia e de todos os teóricos citados na bibliografia. Daí o caráter interdisciplinar desta dissertação.

## PELA ETIMOLOGIA E SIGNIFICAÇÃO

Ouve-se muito em *pluri*, *multi*, *trans* e *inter*, mas primeiro é necessário entender com clareza seus significados e suas aplicações. Isto provavelmente tem a ver com a incapacidade que temos em romper, em modificar, em *desconstruir* os nossos próprios princípios discursivos, as perspectivas teóricas e a maneira como fomos treinados, formados, educados para aí sim, termos a consciência plena da importância de todos esses prefixos e de seu radical. Cunha (1982) e Hollanda (2000) definem assim estas palavras:

---

<sup>1</sup> Cf. portal: [www.unigranrio.edu.br](http://www.unigranrio.edu.br).

<sup>2</sup> [www.unigranrio.edu.br](http://www.unigranrio.edu.br)

<sup>3</sup>Texto retirado *ipsis litteris* do portal [www.unigranrio.edu.br](http://www.unigranrio.edu.br), acesso em: 24 maio 2010.

- PLURI, do latim *plurus* e significa *muitos, vários*;
- MULTI, do latim *multus* e significa *múltiplo, numeroso*;
- TRANS, do grego e significa *através, além de*;
- INTER, do grego e significa *entre, relacionado*;
- DISCIPLINA, que entre as várias definições, as que nos atendem são *qualquer ramo do conhecimento, matéria de ensino*.

Partindo desses diferentes prefixos e da palavra disciplina, observa-se, em todos os casos, uma tentativa de romper seu caráter linear, pois é possível aceitar qualquer coisa que atravessa a pluridisciplinaridade, a multidisciplinaridade, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade em diferentes níveis em diferentes graus, pois todas elas se mostram muito próximas em significado e aplicação.

O problema que se apresenta e gera a confusão é que ainda não há clareza suficiente que indique com propriedade como será ou como deveria ser este rompimento. Existe o consenso da importância da interdisciplinaridade, mas falta direção coletiva para seu sucesso.

Fazenda (2005) mostra que:

Muitos estudiosos têm procurado definir a interdisciplinaridade, mas muitas vezes se perdem na diferenciação de aspectos como multi, pluri e transdisciplinaridade. Outros estão mais preocupados com a forma como o movimento da interdisciplinaridade se desenvolve, procurando fazer retrospectivas históricas da evolução do conhecimento através dos séculos e/ou através das marcas nele cinzeladas por alguns pensadores. (FAZENDA, 2005, p. 14).

Paradoxalmente, os significados ao se aproximarem, ao se tornarem paralelos, criaram mais dificuldades e para se tentar dizer o que realmente elas são ou para o que servem tornou-se uma tarefa árdua até para os especialistas, pois o que se nota é a possível banalização de seus conceitos usados aleatoriamente por diversos profissionais, deixando estas palavras "gastas" e distantes de seus reais objetivos.

Segundo Pombo (1993) deve-se iniciar a discussão pelas *palavras*.

Há uma intimidade, uma proximidade suave que exigimos ter com as palavras. Ora, a palavra interdisciplinaridade, logo do ponto de vista material, é uma palavra agreste, desagradável, comprida demais. Além disso, não há só uma. Há uma família de quatro elementos que se apresentam como mais ou menos equivalentes: pluridisciplinaridade, multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade. Sentimo-nos um pouco perdidos no conjunto destas quatro palavras. As suas fronteiras não estão estabelecidas, nem para aqueles que as usam, nem para aqueles que as estudam, nem para aqueles que as procuram definir. Há qualquer coisa estranha nesta família de

palavras. Uma vez são usadas umas, outras vezes outras. Há pessoas que gostam mais de uma e as usam em todas as circunstâncias, outras mais de outras. Como se fosse uma questão de gostar ou não gostar. Mas é assim que as coisas funcionam. (POMBO, 1993, p.156).

Sendo assim, a plenitude das ações interdisciplinares só será alcançada se formos capazes de compartilhar o nosso *saber*, se tivermos a coragem necessária para abandonar o conforto de nossa linguagem e para nos aventurarmos pela seara da troca, da convivência, para mostrarmos que o conhecimento é de todos e que ninguém tem a propriedade exclusiva dele.

Paviani (1993) nos mostra que a interdisciplinaridade vai além da abordagem cognitiva. Ela implica na sensibilidade e complexidade em que se insere as relações humanas.

Assistimos nas últimas décadas o surgimento de novas disciplinas, de novas práticas, de novos problemas, das novas teorias. E não foram obra do acaso ou apenas releituras diferentes de um determinado ponto de vista ou um novo caminho empírico. São frutos da necessidade pós-moderna e seus alicerces estão na interdisciplinaridade, como afirma Pombo (2004):

O que significa que, assim sendo, a interdisciplinaridade não é qualquer coisa que nós tenhamos que fazer. É qualquer coisa que se está a fazer, quer nós queiramos ou não. Nós estamos colocados numa situação de transição e os nossos projetos particulares não são mais do que formas, mais ou menos conscientes, de inscrição nesse movimento. Podemos compreender este processo e, discursivamente, desenhar projetos que visam acompanhar esse movimento, ir ao encontro de uma realidade que se está a transformar, para além das nossas próprias vontades e dos nossos próprios objetivos. Ou podemos não perceber o que está a passar e a reagir pela recusa da interdisciplinaridade ou pela razão fútil, superficial, como se tratasse de um mero projeto voluntarista formulado no contexto de uma simples moda, passageira como todas as modas. (POMBO, 2004, p.78).

Ainda segundo Pombo,

Perceber a transformação epistemológica em curso é perceber que lá, onde esperávamos encontrar o simples, está o complexo, o infinitamente complexo. Que quanto mais fina é a análise, maior é a complexidade que se abre a nossa frente. E, portanto, que o todo não é a soma das partes e esta é uma das chaves fundamentais para o entendimento desta questão. (POMBO, 2004, p. 79).

Vasconcelos (2004) agrega mais valores ao pensamento de Pombo ao afirmar,

[...] principalmente no contexto atual das sociedades capitalistas avançadas e do pós-modernismo, os conceitos e estratégias epistemológicos de complexidade e de interdisciplinaridade devem constituir valores explícitos da teoria crítica e da agenda de lutas emancipatórias, antiopressivas, de caráter popular-democrático e por uma globalização mais solidária, no sentido de evitar não só a fragmentação das ciências instrumentais e a crise dos

paradigmas totalizantes de cunho modernista, mas também a dispersão micropolítica das abordagens pós-modernas. (VASCONCELOS, 2004, p. 37).

Finalmente, intui-se que a mola impulsora da interdisciplinaridade é *atitude* de cada um – curiosidade, abertura de espírito, colaboração, cooperação, postura – e do real interesse de cada indivíduo envolvido em conduzir o processo de educação. Ela é um termômetro da nossa capacidade de compartilhar, da nossa coragem de aceitar, de mudar o olhar sobre o que o outro faz ou o que tem a acrescentar.

## LINGUAGEM EM BAKHTIN

Desde logo Bakhtin reorganiza a leitura e a interpretação do papel da linguagem que eram:

- a) Debater se o real núcleo linguístico está centrado na fala, na língua ou no enunciado;
- b) Como ela se apresenta aos sujeitos, através das variáveis impostas pela comunicação informal, a do povo, ou pelas regras, ou seja, a gramática normativa.

1. A língua é uma atividade, um processo ininterrupto de construção (energia), que se materializa sob a forma de atos individuais da fala.
2. As leis da criação linguística são essencialmente as leis da psicologia individual.
3. A criação linguística é uma criação significativa, análoga à criação artística.
4. A língua, enquanto produto acabado (“ergon”), enquanto sistema estável (léxico, gramática, fonética), apresenta-se como um depósito inerte, tal como a lava fria da criação linguística, abstratamente construída pelos linguistas com vistas à sua aquisição prática como instrumento pronto para ser usado. (BAKHTIN, 1992, p. 72-73).

Logo, é possível observar que as correntes filosóficas idealistas propõem maior valor a ideia do que a matéria. Por esta forma, a língua é originada no subjetivo do indivíduo e sua capacidade criadora e recriadora, num ato individual, e em sua formação psíquica, expressa-a pela fala, que para conhecer seu conteúdo, faz-se necessário penetrar no inconsciente do falante, numa direção que parte da fala para o interior psicológico. Por estas assertivas, forma e conteúdo pertencem a campos de compreensão independentes, pois criar na mente este conteúdo é o pensar e exteriorizá-lo num ato materializado é o falar.

A partir destas reflexões, a denominação bakhtiniana de subjetivismo individualista se aproxima da concepção de linguagem estudada neste trabalho, pois trata os fenômenos

linguísticos como pertencentes à psicologia e à subjetividade do falante, logo são individuais e totalmente inerentes às suas aptidões e vontades. Isso corrobora que o estudo e ensino de língua no seu contexto material e as relações sociais entre os indivíduos são desconsideradas, pois é no sujeito e seu psicológico que residem a importância do fato.

Ferdinand de Saussure tem seus estudos linguísticos denominados por Bakhtin como objetivismo abstrato a partir do momento que separa a linguagem em dois polos, um referente ao impulso criador individual, ou seja, a fala, e o outro ao produto de uma ação coletiva organizado em um sistema, ou seja, a língua, que se transformou em objeto de seus estudos.

Pode-se a rigor, conservar o nome de Linguística para cada uma dessas disciplinas e falar duma Linguística da Fala. Será, porém, necessário não confundi-la com uma Linguística propriamente dita, aquela cujo único objeto é a língua. (SAUSSURE, 2003, p.28).

Por esta seara, Saussure dá importância à estrutura como a essência da linguagem e Bakhtin assim aponta:

1. A língua é um sistema estável, imutável, de formas linguísticas submetidas a uma norma fornecida tal qual à consciência individual e peremptória para esta.
2. As leis da língua são essencialmente leis linguísticas específicas, que estabelecem ligações entre os signos linguísticos no interior de um sistema fechado. Estas leis são objetivas relativamente a toda a consciência subjetiva.
3. As ligações linguísticas específicas nada têm a ver com valores ideológicos (artísticos, cognitivos ou outros). Não se encontra, na base dos fatos linguísticos, nenhum motor ideológico. Entre a palavra e seu sentido não existe vínculo natural e compreensível para a consciência, nenhum vínculo artístico.
4. Os atos individuais da fala constituem, do ponto de vista da língua; simples refrações ou variações fortuitas ou mesmo deformações das formas normativas. Mas são justamente estes atos individuais de fala que explicam a mudança histórica das formas da língua; enquanto tal, a mudança é, do ponto de vista do sistema, irracional e mesmo desprovida de sentido. *Entre o sistema da língua e sua história não existe nem vínculo nem afinidade de motivos. Eles são estranhos entre si.* (BAKHTIN, 1992, p. 82-83, grifos dos autores).

Dentro da linha do pensamento positivista cuja proposta de estudos é o resultado através da lógica de sua repetição, Saussure descarta a fala da ciência da Linguística, portanto, sem identidade social e dá a língua, enquanto sistema de regras que se repetem, possibilitando análises e explicações normativas e formais, o reconhecimento científico digno das grandes descobertas.

A fonética, o léxico e a gramática, elementos que integram o sistema linguístico e que o sujeito recebe a partir de seu nascimento, e que serão repetidos sempre de maneira igual, pois

são estáveis, constituem e garantem a unidade dos signos e suas características são percebidas nos fluxos da fala. Isto significa que quaisquer mudanças pertinentes deste sistema não são oriundas da criação psicológica, no individual, mas por um sistema dominado e utilizado pelo grupo social no qual está inserido. Por este lado, tais reflexões ignoram o sujeito e a história, reconhecendo a língua em si mesma, não interessando os contextos, haja vista a utilização da metalinguística na própria língua.

A doutrina racionalista, ponto alto do positivismo, é o arcabouço que sustenta a razão em detrimento ao sentimento e foi ela que determinou a visão da ciência Linguística no seu âmago. É por isso que Saussure, com suas raízes estruturalistas, teoriza a existência de relações culturais e não naturais entre o significado e o significante e sendo este liame artificial, semeiam as condições favoráveis à suposta neutralidade do signo.

O sistema de signos linguísticos é condicionante a todos os falantes e é determinado pelo espaço/ambiente ao qual está inserido. A utilização da fala como ação irracional provoca seu estado vivo a partir do momento que ele, falante, adapta-a ao momento individual. Porém, as regras de funcionamento deste mesmo sistema é que devem determinar a estrutura fala.

Por outro lado, o legado de Saussure em seu Curso de Linguística Geral tem seu valor quando analisado dentro do contexto sócio-histórico, pois naquele momento, em função das marcas do positivismo, a objetividade era o principal objetivo das pesquisas científicas, daí ser objetiva e abstrata.

A formulação das duas orientações do pensamento filosófico-linguístico de Bakhtin (1992) teve como referência os teóricos que o antecederam e até mesmo seus contemporâneos na ciência da Linguística. Acerca de suas inquietações sobre os fenômenos da linguagem, busca na epistemologia as respostas adequadas e inicia um processo de questionamento e aprofundamento destes pressupostos,

Vamos tentar formular nosso próprio ponto de vista com as seguintes proposições:

1. A língua como sistema estável de formas normativamente idênticas é apenas uma *abstração científica* que só pode servir a certos *fins teóricos e práticos particulares*. Essa abstração não dá conta de maneira adequada da *realidade concreta* da língua.
2. A língua constitui um *processo de evolução ininterrupto*, que se realiza através da *interação verbal social dos locutores*.
3. As leis da evolução linguística não são de maneira alguma as leis da psicologia individual, mas também não podem ser divorciadas da atitude dos falantes. As leis da evolução linguística são essencialmente *leis sociológicas*.
4. A criatividade da língua não coincide com a criatividade artística nem com qualquer outra forma de criatividade ideológica específica. Mas, ao mesmo tempo, a criatividade da língua não pode ser compreendida



*independentemente dos conteúdos e valores ideológicos que a ela se ligam. A evolução da língua, como toda evolução histórica, pode ser percebida como uma necessidade cega de tipo mecanicista, mas também pode tornar-se “uma necessidade de funcionamento livre”, uma vez que alcançou a posição de uma necessidade consciente e desejada.*

*5. A estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social. A enunciação como tal só se torna efetiva entre falantes. O ato de fala individual (no sentido estrito do termo “individual”) é um paradoxo. (BAKHTIN, 1992, p. 127, grifos dos autores).*

Destarte, depreende-se destas cinco proposições:

1 – A língua como sistema estável é um conceito aceitável enquanto objeto de estudos científicos, pois ao ser utilizada pelo falante, torna-se apenas um instrumento de comunicação, uma maneira de dizer algo a alguém nos mais diversos contextos e ambientes e sofre as mais diversas influências. Neste sentido, Bakhtin (1992) reforça sua crítica ao objetivismo abstrato saussuriano no tocante às teorias quando consideram que a essência constitutiva da linguagem tem na língua elementos estáticos e que, como já dito antes, e de acordo com as necessidades da época, foram aceitas pela comunidade científica.

Entretanto, sabe-se que o sistema linguístico é afetado, transformado, modificado nas reais situações enunciativas, onde o falante, pelas relações interlocutivas e de acordo com as influências externas, sejam elas das mais variadas origens, cria e recria elos na cadeia da comunicação verbal.

2 – Os estudos e as propostas de Saussure, que se centravam no sistema linguístico, não são capazes de explicar o fenômeno da interação verbal, haja vista que os signos linguísticos, ao serem utilizados pelos falantes sofrem alterações de acordo com o ambiente em que este sujeito está inserido, com sua classe social, com a intencionalidade do discurso, com as ideologias intrínsecas e até mesmo com a formalidade ou a informalidade. A criação e o uso destes enunciados é que redimensionam, ressignificam os signos, tornando a língua “viva”, dinâmica, pois cada falante utiliza-se de uma estratégia, de uma maneira eficiente e objetiva de comunicação para se fazer entender.

Todo esse movimento dialético tem caráter social e tende a proporcionar a criação de novos signos linguísticos, ou seja, permite os neologismos, as gírias, os jargões, assim como os arcaísmos e desusos.

3 – São nas trocas verbais denotativas ou conotativas inseridas nas relações sociais que mais se percebe as mudanças no código linguístico. As situações reais dos falantes e suas necessidades de comunicação, dentro dos contextos aos quais participam ou adequando-se a eles, permitem a mudança de significação dos signos utilizados, assim como podem determinar

posição social do sujeito de acordo com o nível de linguagem utilizado. Ao interagirem, dentro de contextos inter ou extraverbais, é possível surgir um jogo de interesses cujas regras são estabelecidas pelas posições ocupadas por estes atores numa seara dialógica e estas posições são afetadas e/ou determinadas a partir das expectativas ou dos objetivos explícitos ou implícitos.

4 – Não ocorrem meramente por dom de criação ou movimento fisiológico os determinantes sociais da língua. Eles são impostos pelas necessidades dos falantes em determinados contextos, entretanto, é sabido que a liberdade e a criatividade linguística são mais distintas nas camadas que formam a base da pirâmide social, pois, possivelmente ao não ter acesso ao sistema culto da linguagem, tendem a fazer dela um instrumento de comunicação adaptado ao meio em que estão inseridas, e comumente esta forma de interagir extrapola seus limites, atingindo diretamente as mais diversas maneiras de se relacionarem consigo mesmo e com o mundo.

5 – Ao compartilhar os espaços sociais, profissionais, domésticos, formais ou informais, os diferentes enunciados vão se desenhando e redesenhando, se configurando e reconfigurando, pois há uma relação estreita e intrínseca entre os falantes de um determinado contexto, que pode ser rompido quando os sujeitos de diferentes condições socioculturais necessitam interagir. E mesmo utilizando o sistema linguístico comum daquele grupo, estas relações alteram-se ao longo do processo interativo, à proporção que as palavras têm seus significados mudados de acordo com o dialogismo e com os sentidos dados a cada situação vivida.

Portanto, é possível afirmar, diferentemente das posições saussurianas, que a língua é um organismo vivo, dinâmico, espontâneo própria dos falantes, cuja objetividade é estabelecida dentro das relações sociais coletivas, em detrimento ao individualismo proposto pelo objetivismo abstrato e que só pode ter cunho estático quando utilizada para fins científicos.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a unidade fundamental da língua. (BAKHTIN, 1992, p. 123).

Por estas assertivas, pode-se depreender que a essência da língua está no funcionamento das relações sociais das quais é instrumento, no coletivo, e não nos atos individuais. Isto possibilita reflexões de como a língua materna está sendo ensinada e estudada nos bancos escolares, pois os enunciados, quando desassociados da realidade sócio-histórica do sujeito,

podem causar distorções e diferenças a estes mesmos sujeitos e nos contextos que estão inseridos.

Por outro lado, não podemos pensar em um total *assujeitamento* do sujeito falante ao contexto social. Paradoxalmente, se por um lado ele se submete, modifica-se para adequar-se à ordem social em que está introduzido, por outro, também interfere e muda tal contexto, haja vista ser uma relação simbiótica, uma vez que a linguagem não é sistema estático e abstrato, por isso permite ao sujeito falante abrir fissuras, construir outros sentidos, romper o cerco do sentido já dado.

## CONCLUSÃO

Ao utilizar os estudos das teorias de Bakhtin (1992) como base deste texto, foi possível compreender os cinco pressupostos enunciativos da linguagem por ele formulados, que para facilitar sua visualização, serão resumidos abaixo:

1) **DIALOGISMO**: é o cerne da interação verbal, a gênese da linguagem. Apresenta-se como o ponto de partida na constituição dos sujeitos nos discursos e concretiza-se por duas linhas de raciocínio: pela relação entre os enunciados no interior do discurso e pela interação entre os interlocutores.

2) **ENUNCIADO**: é formado pelos elos reais da corrente da comunicação verbal, ou seja, os enunciados concretos e reagem a outros enunciados pré-estabelecidos ou pós-estabelecidos que provocam novas respostas, trazendo as mais variadas marcas daqueles que as produziram. São eles que possibilitam a integração da língua à vida, que se materializa de forma individual.

3) **ENUNCIACÃO**: é a apresentação da natureza social do enunciado envolvendo o dialogismo entre os sujeitos e seus respectivos contextos sócio-históricos. É marcada pelo paralelismo com o meio extra-verbal e instrumentalizada pela língua.

4) **INTERAÇÃO VERBAL**: é produzida no processo de enunciação através de signos linguísticos. Tem natureza dialógica, ou seja, ocorre no interacionismo entre os falantes que se utilizam de palavras para comunicação.

5) **DISCURSO**: é construído nas relações enunciativas e intertextuais através de reflexões e/ou absorção de outros dizeres. É deslindado pelo contexto social pelo qual é utilizado e organiza as relações a partir do objetivo ou da intenção em receber determinada resposta.

6) GÊNEROS DO DISCURSO: são os resultados das enunciações pertinentes às atividades humanas e são caracterizados pelo estilo de linguagem utilizados pelos falantes.

7) RESPONSABILIDADE: é a ação e a reação dos interlocutores na enunciação e é gerada a partir da compreensão dos enunciados. O sujeito, no ato do dialogismo, quer e busca uma resposta para o que produziu, esperando que a troca possibilite a comunicação.

Resumidos e entendidos, servirão eles de arcabouço para estudos e pesquisas no tocante ao tema da língua como instrumento de inclusão e exclusão social. Assinala-se a importância de se cuidar de uma análise textual, com base nos pressupostos bakhtinianos de que ao não reconhecer que os sujeitos enquanto falantes, seres interdisciplinares que utilizam-se dos diversos enunciados e que estes contêm as mais variadas formas de significação e ressignificação; que o sistema linguístico saussuriano tem sua importância quando visto pelo ângulo científico; que os contextos histórico-sociais podem mudar e serem mudados, assim como o estes mesmo atores; incorre-se em um provável erro de avaliação e de entendimento, podendo proporcionar a perda de talentos pelos caminhos da educação.

Portanto, o que se pretende é compartilhar a inquietação que move o pensar e discutir aqui neste artigo, elementos basilares para outras reflexões sobre o papel social da língua materna e suas condicionantes de exclusão e inclusão.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail (V. N. Volochínov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAUMANN, Zygmunt. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BERENBLUM, Andrea. *A invenção da palavra oficial: identidade, língua nacional e escola em tempos de globalização*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

CUNHA, Celso. *Gramática do Português Contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1972.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. São Paulo: Papyrus, 2005.

HOLLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo Dicionário Aurélio*. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PAVIANI, J.; BOTOMÉ, S. P. *Interdisciplinaridade: disfunções conceituais e enganos acadêmicos*. Caxias do Sul: Educs, 1993.

POMBO, Olga. *Interdisciplinaridade: ambições e limites*. Lisboa: Relógio d'Água, 2004.

POMBO, Olga. *Interdisciplinaridade: reflexão e experiência*. Lisboa: Editora Texto, 1993.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2003.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. *Complexidade e pesquisa interdisciplinar*. Petrópolis: Vozes, 2005.